

A Imprensa no Rio de Janeiro da Belle Époque¹

Izamara Bastos²

Resumo

Este trabalho apresenta como a virada do século XIX para o século XX, no Brasil, foi marcada por muitas mudanças, tanto no que diz respeito à economia e às instituições políticas, quanto em relação ao cotidiano da população. Pode-se observar que essas mudanças também influenciaram o discurso jornalístico empregado na época. Os primeiros anos da República foi o momento em que os jornais-empresa começaram a se constituir no Brasil e onde podemos perceber uma participação ativa da imprensa carioca na construção de um Estado-Nação e de uma identidade nacional. Procura-se, neste trabalho, desvendar que estratégias a imprensa carioca da "Belle Époque" utilizou para participar na construção da identidade brasileira naquele momento de transição. A identidade brasileira, como qualquer identidade nacional, é um discurso. E como tal, se apresenta como uma fonte na qual os diferentes atores políticos e sociais se constroem dialogicamente. Numa sociedade em que a maioria era não letrada, os jornais vinham com a intenção não só de informar aos letrados, mas também traziam em suas produções a intenção de influenciar, de alguma maneira, os excluídos.

Palavras-chave: Imprensa; Belle Époque; Rio de Janeiro.

Introdução

Este artigo apresenta uma breve reflexão sobre como a virada do século XIX para o século XX no Brasil foi marcada por muitas mudanças e de que maneira essas mudanças influenciaram o discurso jornalístico da época. Em 1888, foi decretada a abolição da escravidão; um ano depois foi proclamada a República. Viviam-se um tempo em que as invenções se multiplicavam, alterando substancialmente a vida do cidadão comum. O automóvel, o telefone, a lâmpada elétrica, o gramofone, o cinematógrafo e o avião foram algumas das invenções que deslumbraram o homem da *Belle Époque*³ e que trouxeram um

¹ Trabalho apresentado no VI Congresso Nacional de História da Mídia, promovido pela Rede de Pesquisadores de Memória da Imprensa e a Construção da História da Mídia no Brasil (Rede Alfredo de Carvalho) em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF).

² Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. Jornalista formada pela Universidade Salgado de Oliveira/UNIVERSO – Niterói /RJ. Profª da Universo/Niterói e Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde do ICICT/FIOCRUZ.

³ *Belle Époque* – Período no início do século XIX, em que a cidade do Rio de Janeiro se modernizava tendo Paris como modelo. A presença da cultura francesa foi particularmente marcante durante a *belle époque* carioca. Além da cultura, o traçado urbanístico da Cidade também era baseado no modelo arquitetônico europeu.

ar de novidade para o século que se iniciava. Todas essas invenções eram lidas como sinal de progresso e civilização e, como boa parte delas se difundiram a partir da Europa Ocidental, esta se tornou o grande modelo do “ser civilizado”.

A República recém proclamada precisava mostrar que inaugurara de fato um tempo novo, um tempo moderno. Assim, pouco a pouco, foi tomando corpo a idéia de transformar o Rio de Janeiro num cenário capaz de mostrar o que a nova forma de governo efetivamente trouxera de progresso para o país. A realização de um plano para reformar a cidade - no seu traçado urbanístico, na distribuição dos habitantes e nos costumes - pertenceu ao presidente Rodrigues Alves (1902-1906) e aos homens que escolheu para a prefeitura e para o comando dos serviços de saneamento, respectivamente Pereira Passos e Oswaldo Cruz.

Se a elite (e alguns setores intermediários) enxergava na República o sinal dos novos tempos de progresso e civilização, as camadas populares demonstravam forte antipatia pelo novo regime, não só pela exclusão concreta que a este lhes confinou, mas também pelo lugar de destaque que a monarquia ainda ocupava no imaginário popular. As camadas populares do Rio, ao contrário das elites, não se reconheciam no governo republicano, não se reconheciam na política. Para muitos, então, as novidades, o progresso, a civilização trazida pela República nada significavam. Mal sobrevivendo nas cidades e nos campos, grande parte da população trabalhadora encontrava-se a margem de tudo o que ocorria no país oficial. Era em outras esferas, como a religião e as festas, que a população parecia reconhecer-se como coletividade. Os cidadãos, inativos em termos de política formal, procuravam vias alternativas de expressão e de ação.

Acreditamos que a avaliação do papel da imprensa desse período, em que se dava início a construção de uma certa identidade, para a nação que surgia, é fundamental para percebermos até que ponto a imprensa participou na construção de uma nova proposta de nação. Para isso, num primeiro momento buscamos esclarecer mais detalhadamente os conceitos de imprensa, nação e identidade nacional.

Imprensa, Nação, Identidade Nacional e os sentidos do “moderno”

No Rio de Janeiro a grande imprensa cumpria o papel indispensável de unificar o discurso dominante, tornando-o legível para os demais grupos sociais. Criava-se, no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1880 e 1890, um novo modelo de jornalismo, no qual começava a ganhar espaço os jornais que tendiam a investir em uma linha editorial supostamente mais neutra, imparcial, procurando informar mais do que opinar, como até então se fazia.

A idéia de ordenar a sociedade cresceu nas produções jornalísticas que se começava a fazer. Numa sociedade em que a grande maioria era não letrada, os jornais vinham com a intenção não só de informar aos letrados, mas também de influenciar, de alguma maneira, os excluídos. A capacidade de a palavra escrita inserir-se, ainda que indiretamente, nos mais diversos meios sociais, fazia dela um forte elemento para normatização da própria sociedade⁴. Percebe-se então, que os jornais ocupavam, aos poucos, um espaço social cada vez maior e passavam a adquirir uma expressiva credibilidade.

Acreditamos que os discursos são peças embaadoras para a construção de uma identidade. Através dos discursos, sejam eles homogêneos ou não, passa-se a construir e a sedimentar pontos fundamentais e marcantes no desenvolvimento de uma sociedade. E no Brasil, com tantas marcas de fora, podemos perceber a grandeza e a diversidade de influências externas na construção da nossa identidade nacional.

A identidade nacional não deve então ser considerada uma substância, um atributo imutável. Ela é resultado de construções e estratégias, sempre em evolução e recomposição. A identidade não é um dado, não é algo fixo, mas sim uma dinâmica, incessante série de operações de sentido. Reflexo de lutas e debates, resultado de uma construção social que está sempre em construção e se alimentando do passado, ou melhor, de incessantes recriações do passado.

A história, nesse caso, funciona como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal, porque fornece a coerência e a continuidade como características

⁴ BARBOSA, Marialva, *Imprensa, Poder e Público*. Niterói, tese de doutorado, Dep. de História/UFF, 1996, p.30.

ontológicas da nação. Não se pode esquecer, no entanto, as relações de força e dominação mobilizadas. A identidade nacional se apresenta como uma fonte na qual os diferentes atores políticos e sociais se constroem dialogicamente, num quadro de estratégias de poder.⁵ Assim não se pode falar em uma identidade autêntica, mas em uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos.

O que se sabe é que o Brasil, no entanto, ainda estava longe de se constituir uma nação. Se existia algum sentimento próximo àquilo que chamamos identidade nacional, este se baseava em fatores negativos como, por exemplo, a oposição ao português.

A diferença e a oposição são fatores fundamentais para a constituição da identidade em qualquer nível (individual, grupal ou societário). O sentido – a semiologia já nos ensinou - é sempre diferencial: uma posição só pode ser determinada em relação a uma outra, por oposição a ela.⁶ Acontece que a oposição por si não é suficiente para definir uma identidade. Tomamos então a fala de Renato Ortiz (1994) onde afirma que *o processo identitário possui uma dimensão externa, negativa (que pela diferença nos diz o que não somos), e uma dimensão interna, positiva, de identificação (que nos diz o que somos, afinal). E é através da relação dessas duas instâncias que as identidades - ou as identificações - continuamente se constroem.*

É no processo de construção de identidade nacional, no momento específico da virada do século XIX para o XX, que nos detemos. Procuramos desvendar que estratégias a imprensa da “Belle Époque” utilizou para participar na construção da identidade brasileira naquele momento de transição. Entender que elementos do passado a mídia utilizou para remeter a vida do carioca a um futuro tão “promissor” e “modernizado”.

É o período das grandes obras de “melhoramento, saneamento e embelezamento” da capital da República, realizadas durante a presidência de Rodrigues Alves, conjuntamente pelo governo federal e municipal. Foi a primeira grande operação de renovação urbana que sofreu a cidade do Rio de Janeiro. As grandes obras em curso na capital nessa época foram

⁵ RIBEIRO, A. P.G. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos Anos 50*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, ECO/UFRJ, 2000.

⁶ Cf. VERÓN, Eliseo. “L’espace du soupçon”. Cópia xerox do original do autor.

objeto de violentas controvérsias, e sobre elas se manifestaram todos os fóruns da sociedade civil: os grandes jornais e a imprensa operária, as instituições que pontificavam nos campos da engenharia, da arquitetura e da medicina, os órgãos empresariais, as instituições manipuladas pelos altos interesses do comércio etc.

O mercado jornalístico

A passagem do século assinala, no Brasil, a transição da pequena à grande imprensa. O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, vai desaparecendo nas grandes cidades.

Acreditamos que os discursos midiáticos contribuíram para formar uma certa concepção de nação brasileira porque, ao selecionar e combinar referências nacionais emblemáticas dava-lhes unidade e coerência imaginárias. Esses discursos alcançaram eficácia social na medida em que eram partilhados e contribuíram para formar uma concepção coletiva de nação.

Utilizamos para análise essencialmente jornais da época, mais especificadamente dois dos mais importantes jornais do período: *Jornal do Commercio e Correio da Manhã*. Importante aqui mencionar que esses dois jornais ocupavam posições bem distintas com relação ao governo da época.

O *Jornal do Commercio* era um jornal carioca, diário, fundado em 1º de Outubro de 1827 por Pierre René François Plancher de La Noé. Mantendo em seu título a grafia original *Jornal do Commercio*, é um dos mais antigos órgãos de imprensa da América Latina ainda em atividade. Durante toda sua existência, pautou-se por uma orientação conservadora tendo como traço marcante o apoio a todos os governos (do Império à República). Era lido apenas pela elite econômica e cultural: comerciantes, alta administração, aristocracia cafeeira etc.

Sem a pretensão de ser um jornal popular, o *Jornal do Commercio* fazendo questão de acentuar o seu trânsito entre a classe dominante – orgulhava-se de ser “o jornal das

classes conservadoras, lido pelos políticos, pelos homens de negócios, pelos funcionários graduados” – era o periódico mais caro do Rio de Janeiro⁷.

Já o primeiro número do *Correio da Manhã* circulou em 15 de Junho de 1901. O mais novo matutino carioca surgiu num momento em que o Brasil encontrava-se mergulhado em problemas herdados de um passado colonial, com uma economia incipiente e a maior parte da sua renda no exterior. Fundado por Edmundo Bittencourt, caracterizou-se, desde o início, como um jornal de oposição extremamente virulento.

De fato, declarando-se isento de qualquer tipo de compromisso partidário, o *Correio da Manhã* apresentou-se como o defensor “da causa da justiça, da lavoura e do comércio, isto é, do direito do povo, de seu bem-estar e de suas liberdades”. Em outro nível, o jornal causou grande impacto por sua independência da situação, vindo “romper com os louvores de Campos Sales”, então presidente da República. Finalmente outra característica do *Correio da Manhã* no momento de sua fundação foi a sua aproximação com as camadas menos favorecidas da sociedade⁸.

Para esta nossa análise fizemos uso da metodologia da Análise do Discurso, a fim de compreendermos de que forma cada um dos veículos de informações pré-selecionados construíram sentidos para os acontecimentos e transformações que se sucediam, assim como de que forma cada um deles mobilizou um conjunto de signos para servir de referência na construção de projetos de nação.

Passando a ter um “ar” de verdade, a palavra impressa se igualava às leis, às normas, aos regulamentos que, também impressos, eram elementos ordenadores da sociedade. Dessa forma, o que vinha impresso nos jornais se identificava com a verdade e ganhava, em conseqüência, muitas vezes o poder libertador.

Os discursos midiáticos

⁷ Ao considerarmos o *Jornal do Commercio* como um periódico conservador, estamos nos referindo não apenas a sua recusa em adotar inovações gráficas e editoriais, revolucionárias na época, como as caricaturas e fotografias, a ênfase ao texto mais informativo, entre tantas outras, mas também ao fato de estar sempre alinhado com os grupos que estavam no poder, jamais abandonando essa postura.

⁸ ABREU, Alzira A. de (coordenação)... (et al.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-30*. Ed. FGV/CPDOC, RJ, 2001, p.1625.

Ao retomar a idéia Bakhtiniana do discurso como arena, a análise de discursos passa a dar conta não do conteúdo das mensagens, mas das estratégias discursivas ligadas às relações de força de uma dada conjuntura. Levando em conta que os discursos de uma determinada época histórica (principalmente os midiáticos) são espaços privilegiados onde se travam as lutas sociais, acreditamos que ele seja o campo onde várias vozes disputam a hegemonia das representações. Uma página de jornal é o reflexo vivo das contradições da realidade social no corte de um dia. E a análise só tem sentido se permite ao analista dar conta de como se tecem nos discursos a teia dessas contradições, só tem sentido quando se percebe o discurso como lugar de passagem de coisas que estão ocorrendo fora dele.

Como Mikhail Bakhtin nos esclarece, nenhum tipo discurso (nem o da mídia) é monolítico, mas sim polifônico⁹. Assim, perceber que vozes eram mobilizadas pelos diferentes órgãos da imprensa na construção de uma identidade de nação foi, sem dúvida, uma das nossas principais propostas.

Em uma análise dos discursos dos jornais aqui estudados, identificamos as diferentes posições que os dois jornais – **Jornal do Commercio** e **Correio da Manhã** - tomaram durante a inauguração da Avenida Central, no Rio de Janeiro em novembro de 1905. Por serem jornais de grandes nomes no mercado jornalístico do período e por adotarem posturas distintas diante do mesmo episódio (a inauguração da Avenida Central em 15/11/1905), procuramos mostrar como a imprensa estaria contribuindo para a construção de uma identidade para a sociedade da época.

Na data da inauguração da Avenida Central o *Jornal do Commercio* lança na segunda coluna da segunda página, na seção “Criança roubada, hoje – Na Avenida” a seguinte matéria:

“Se não for impossível arranjar uma meia dúzia de homens com as rudimentares noções do que seja um serviço de policia: (a bella cavalhada da dita militar deve ser dispensada na grande artéria, salvo quando os Pratas-Preta quizerem fazer cá fora a sua Republica).

- Para os beccos! Para as ruas sujas! Fora da Avenida!...os immundos doceiros de tabuleiro; as quadrilhas de molecotes, com os seus inoffensivos brinquedos; as <<camisetas>> de meia sem manga e mesmo com manga, embora limpas; <<os pé no chão>> e todos os mãos hábitos e costumes que só o Rio supporta. Vejam se também roda o

⁹ Cf. BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem* São Paulo, Haucitec, 1987.

deprimente <<burro sem rabo>>, mesmo calçado. E os vendedores de jornaes, que alli estão junto aos postes com os seus sujos barbantes e bancos de taboas de caixão de kerosene! Mas tudo isso feito sem escândalo, sem provocar o carioca <<não póde>>, disfarçadamente, como quem não quer a cousa. Completem a obra, benmeritos da Avenida.”

Neste texto apresentado pelo *Jornal do Commercio* fica bastante clara a intenção de “limpar” a cidade para República. Excluir àqueles que não deveriam participar do evento da inauguração, mas sem que se chamasse muito a atenção. Inclusive pede-se cautela se for necessário usar da força policial para expulsar os doceiros de tabuleiro, que são definidos como “*immundos*”, as crianças das ruas, aqui denominados: “*as quadrilhas de molecotes, com os seus inoffensivos brinquedos*”, inclusive aqueles que não estivessem de sobrecasacas – que era a moda de Paris – “*as <<camisetas>> de meia sem manga e mesmo com manga, embora limpas*. Reflete a ideologia de que não era uma festa para todos e que aqueles que não fossem bem-vindos, mas que insistissem em permanecer na Avenida, que fossem retirados pela polícia, sem causar tumultos, para não chamar muito a atenção.

Enquanto isso, o *Correio da Manhã* na data de 15 de novembro lança ainda suas críticas ao modo como foi feita a reforma na avenida. Até elogia a melhora que a nova avenida trará à Cidade do Rio, porém faz suas críticas a forma como o poder público fez para realizar tamanha obra. O texto a seguir foi publicado na primeira página do jornal, na seção “A Avenida”:

“Ao povo carioca vae ser hoje franqueada oficialmente a Avenida Central, depois de cortadas as fitas do ceremonial pelo presidente da Republica. Não resta duvida que a nova artéria representa um grande melhoramento para esta cidade que, há longo annos, vivia suffocada nas estreitas viellas de casas açaçapadas e anti-estheticas. A Avenida vae franquear a ventilação ao grande centro commercial ao mesmo tempo que dar uma nota de progresso.

O modo, porém, por que foi levado a effeito esse empreendimento, há de merecer eternamente a condemnação dos espíritos sensatos, que, acima da satisfação de vaidades, collocam o bem estar geral e mais do que isso, o respeito e a moralidade que devem presidir os negócios públicos. Si é certo, que as nossas condições não permitiam sacrificios de tal monta, feito que foi elle, deveria ser aproveitado com o amor e o escrúpulo imposto pelo compromisso que se representavam. Isso porem, não aconteceu. O dinheiro do contribuinte foi esbanjado, foi desperdiçado em indenisações vergonhosas, em que se abarrotou a advocacia administrativa, foi distribuído em negociatas e arranjos. Em todo o caso a Avenida está prompta, depois de corrigidos os erros apontados e cuja emenda não custou poucas parcellas ao Thesouro.

O povo que sofre e calcula o quanto terá ainda que pagar, pelo melhoramento inaugurado, não poderá gozar todo o esplendor da Avenida Central, mas em compensação, o governo e a comissão constructora mandaram alugar, á custa do erário publico, os carros existentes no Rio de Janeiro, para, percorrendo a nova artéria, dar mostras de uma grandeza que não existe.”

Buscamos também acompanhar a edição de ambos os jornais na data seguinte à inauguração da Avenida Central, para termos uma visão ainda mais contextualizada. O texto que se segue, foi publicado em 16 de novembro no *Jornal do Commercio*:

"Raras vezes um acontecimento publico terá attrahido a uma extensa área da cidade mais gente do que a inauguração da Avenida Central attrahio hontem desde pela manhã á zona urbana, vulgarmente conhecida pelo nome de "centro". É evidente que a affluencia maior se localizou na nova via de comunicação, mas todas as transversaes entre o largo de S. Francisco e o Rocio, de um lado, o largo do Paço e a rua Direita, do outro, foram, desde as 7 horas da manhã, outros tantos carreiros por onde se agitou num fluxo continuo e animado um dos mais vastos formigueiros humanos que a actual geração será dado presenciar.

O facto demonstra o grande interesse da população pelo importante melhoramento que o actual Governo lega á Capital do paiz. Esse interesse apressamo-nos em dizel-o, é de todo justificado. O extrangeiro que visitar agora a nossa Capital ja tem na Avenida um bello exemplo do progresso material que o Rio de Janeiro se sente resolvido a realizar. Está de vez morta a exclusividade de seducção que a natureza, e só ella, exercia sobre quantos extranhos nos visitavam. Subsistirá sempre a seducção das bahias, das arvores e dos morros, mas a Avenida já prova que estamos resolvidos a construir outras joias que nós mesmos fabriquemos sem nos limitarmos tão sómente a exhibir aquellas em que de modo algum trabalhamos. Foi porque o animava esta mesma convicção, que o povo durante toda a manhã e parte da noite se escoou constantemente entre os dous flancos da Avenida em ondas compactas que só cessaram depois das dez da noite, ante a necessidade imperativa do descanso.

O tempo não quiz collaborar com a população na consagração do melhoramento novo, mas, considerada a verdadeira avalanche humana que com dia feio encheu a Avenida, quasi se pode abençoar o acaso do tempo, pois sem elle o estadio na nova arteria principal da cidade se teria tornado intoleravel. Ao demais, ante a má vontade do tempo, os cariocas souberam encolher desdenhosamente os hombros. As senhoras, ás janellas dos prédios já concluidos, em palanques improvisados no arcabouço dos em construção, ou pelas ruas chapinhando na lama aristocratica da grande rua elegante, pareciam affirmar que esse documento de progresso valia bem o holocausto de um vestido, de elevado preço que fosse. Do lado dos homens, uma ou outra cartola foi naturalmente votada á perdição, como tributo expontaneo á commemoração grandiosa. Os proprios soldados, marcises e serenos, pareciam elles proprios indifferentes ao gottejar da chuva sobre ou dourados e alamares das fardas e deram á Avenida a nota sympathica da sua presença (...)

As familias em bando percorreram constantemente a Avenida e por sob os guarda-chuvas abertos era incessante diálogo deste genero:<<Para que será isto? De quem será aquillo? O que é aquell outro?>> Sentia-se a trabalhar sem trégua, o acicate da

curiosidade, persistente e tenaz. E sob essa impressão de curiosidade se agitavam todos e mais do que todos os photographos profissionais e amadores, cujas detectives se armavam e desarmavam a cada momento, na anciã de tudo documentarem ad eternum. Se os aspectos e assumptos eram tantos... Effectivamente hontem na Avenida Central foram vistas, além das pessoas com quem na labuta diária nós cruzamos todos os dias, outras, milhares de outras, que nunca foram vistas por ninguém em lugar publico; vindas talvez, Deus sabe de que remotos confins, para assistir á inauguração. A festa esteve bella: bella em si pela impressão de intima satisfação, de imensa alegria que punha em todos os semblantes. Ninguém se queixou demais da hostilidade do tempo, do incomodo da lama, do martyrio, do calor. Havia alguma coisa que tudo isso dominava, que tudo isso fazia esquecer: a Avenida Central, objeto da descrença de tantos, da certesa de tão raros, das esperanças de alguns, alli estava patente e bella, na pompa de todos os seus attractivos e confortos. Tal era o facto que aos espiritas não concedia tempo para attentar em nenhum outro, e por elle se desvaneciam todos, almejando tão somente que após o de hontem outros dias viessem trazendo novos elementos dessa corrente de progresso de que a 15 de Novembro de 1905 se batera com a Avenida Central o primeiro elo grandioso e rutilante

O Sr. Presidente da Republica inaugurou hontem com toda a solemnidade a Avenida Central (...) Ás 8 horas da noite com a primeira estiada da chuva começou de novo a affluir á Avenida grande parte da população urbana, que, num demorado exame ou todos os edificios, a percorria de um extremo a outro, cheia de interesse. Era bellissimo o aspecto que apresentava a essa hora a nova rua, onde se cruzavam a cada momento carruagens e automóveis conduzindo famílias e cavalheiros.”.

O texto acima revela um desejo forte de se buscar cada vez mais a beleza da Cidade como forma de progresso, de modernização. Faz-se minuciosamente a reprodução de um evento e que nada traria a possibilidade de se tirar o brilho da festa, *nem mesmo o mau tempo e as chuvas poderiam diminuir o desejo das comemorações* num momento que marcaria mais um passo no crescimento da sociedade carioca.

Sabendo-se que quem teria acesso ao meio de informação (jornal) eram, em especial, as pessoas letradas que também buscavam a modernidade e o progresso para a cidade do Rio, deixando para trás marcas do império que vigorou no país antes da Proclamação da República, a postura do *Jornal do Commercio* neste momento era de exaltar a obra realizada como algo extremamente necessário à cidade do Rio de Janeiro dando apoio incondicional ao Governo que financiava toda a obra da Avenida.

No que diz respeito aos sentimentos desta população mencionada, que estaria toda ela comemorando incessantemente a inauguração da Avenida, que passaria a ser mais um ponto de beleza da cidade e que faria com que os estrangeiros admirassem ainda mais as belezas do Rio de Janeiro, estes são focalizados de dentro, pois seus sentimentos e

pensamentos são expostos, como se pudéssemos, nós leitores, atingirmos os mesmos sentimentos de quem presencia a inauguração. Aliás, nada se menciona com relação às conseqüências que as chuvas trouxeram àquele dia à cidade do Rio.

Certas palavras, expressões ou frases do texto reforçam a idéia de que o progresso, a beleza, o moderno significavam exatamente a alegria e a realização da população, reforçando a cada linha o processo de aburguesamento da sociedade. O resultado mais concreto desse processo de aburguesamento intensivo da paisagem carioca foi à criação de um espaço público central na cidade, completamente remodelado, embelezado, ajardinado e europeizado. Há até mesmo uma pressão para o confinamento de cerimônias populares tradicionais em áreas isoladas do centro, para evitar o contato entre as duas sociedades que ninguém admitia mais ver juntas, embora fossem uma e a mesma.

Ao finalizarmos a leitura do texto podemos perceber que nenhum imprevisto meteorológico teria causado problema a situação e que só havia na cidade – como se nos quatro cantos dela – motivos para comemoração.

A seguir nos deparamos com o texto publicado no jornal *Correio da Manhã* (também em 16/11/1905). O artigo nos revela que a beleza que tanto se almejava para a Cidade do Rio na época, inspirada nos moldes europeus, não atingia realmente a toda sociedade e que nem toda a população teria motivos para comemorar a inauguração da Avenida Central. O texto que veremos em seguida foi publicado também na primeira página do jornal, sob o título de: “Luxo e miséria”:

A chuva interrupta que cae sobre a cidade desde ante-hontem, á noite, não permitiu que a inauguração da Avenida Central tivesse o brilhantismo anunciado. É realmente doloroso que tal acontecesse e somos os primeiros a sentir que as despesas feitas pelo Thesouro não produzissem o effeito desejado. A inauguração apesar do número de pessoas presentes esteve fria. O conselheiro Rodrigues Alves foi durante longo tempo, acompanhado por uma enormidade de garotos, que pulavam de um lado para outro lado, formando um séqüito incomodo e alverecido. O povo divorciado por completo das festanças e pagodes officiaes, não teve uma acclamação, não teve um viva para o presidente da Republica. E que na sua intelligencia, enxerga bem não só a face brilhante do melhoramento inaugurado, mas também a face repulsiva representada pelas immoralidades, pelas negociatas, pelas patifarias que acompanham os progressos da Avenida. O povo comprehende que em centenas de desapropiações o não apparecimento de uma só reclamação, quando se tratava de defender um dos direitos mais sagrados, o direito de propriedade, representa alguma

cousa mais que o esbanjamento dos dinheiros públicos. De nada serviram os Vivas! Pintados nos escudos de madeira. O povo não os quis repetir por entender, e com justiça, que há, em todo esse negocio, um fundo negro para mergulhar nas trevas os nomes dos que o affectuaram. Entremos, porém, a descrever as festas de hontem:

Nas sacadas e janelas dos prédios, já construídos, já por concluir, em alguns dos quais foram improvisados pavilhões viam-se muitas famílias.(...)Hontem, emquanto ao espoucar do champagne festivo e ao mastigar das festivas empadas, a gente do governo inaugurava a Avenida, sob o hospitaleiro tecto dos felizardos Guinle, centenas de famílias abandonavam os lares nos carros dos benemeritos bombeiros buscando abrigo onde se refugiar da massa d'agua que lhes invadiu as casas.

Era um espetáculo de cortar o coração: nas ruas da Cidade Nova, de S. Christovão, do Catumby, de Andarahy, de todos os bairros em summa, a gente pobre, trepada em mesas e cadeiras, contemplava tristemente os desastres da inundação; as casas commerciaes fechadas; nas casas de família, invadidas pela torrente, os moveis adquiridos á custa do trabalho perseverante e honesto boiando sobre a enxurrada barrenta. Ruas houve, como as de Mariz e Barros, Matadouro, S. Christovão, Barão de Ubá, Senador Furtado, S. Valentin, Mattoso e cem outras que a água chegava acima dos joelhos dos transeuntes. Um pavor e uma desolação. Mas o governo banqueteara-se na casa Guinle... Que importa ao governo a desgraça do povo? Inaugurava-se a Avenida Central, um luxo de quarenta mil contos que nos há ainda custar muito mais, primeiro e glorioso producto de fabrica de fazer engenharia montada pelo Sr. Lauro Muller e movida pelo suor do povo. Por que razão o Sr. presidente da Republica e seu séqüito, depois de inaugurada a Avenida, não foram dar um passeio pela cidade? Teriam occasião de gozar um deliciosos contraste.

Mas parece que é uma suprema verdade o velho dito popular – Deus escreve direito por linhas tortas... Este formidável aguaceiro que hontem inundou a cidade parecia murmurar em seu monótono ruído: ‘-Insensatos! Antes do luxo bem caro das modernas avenidas, cuidae das necessidades urgentes da população: lá vae água! Onde as galerias de esgotos que a hão de conduzir? Lá vae mais água; inundem-se!’ Isto é o que parecia dizer o aguaceiro de hontem.

Já neste texto podemos perceber um sentimento distante da busca pelo luxo e beleza. Transcreve-se um sentimento de revolta pela maneira como as autoridades exultaram e comemoraram a inauguração da Avenida Central enquanto a forte chuva desabrigava muitas famílias que não teriam então, nenhum motivo naquele momento para estar comemorando. O discurso revela uma grande distância entre os governantes e parte da população carioca. A narrativa está focada nos sentimentos distintos de uns que comemoravam e outros que necessitavam tentar salvar suas casas e móveis durante a forte chuva que atingiu a cidade.

O desejo de progresso é substituído por um sentimento de descontentamento. O que se observa neste texto do *Correio da Manhã* é uma vontade de mostrar que nem todos

estavam tão empolgados com a inauguração durante as fortes chuvas. No decorrer do texto observa-se que para o Correio da Manhã os governantes estariam pouco preocupados com as condições de vida de parte da população naquele momento tão esperado, que fora a inauguração da avenida. A identidade da população naquele momento não seria, para este jornal, a de uma população envolvida por completo com a modernização da Cidade do Rio. Segundo o texto, se o Presidente da República tivesse a oportunidade de visitar durante as fortes chuvas a cidade por completo, o mesmo teria observado que muitas famílias não estariam participando da festa de inauguração devido às inundações causadas pelas chuvas.

Para deixar claro que não era contra a inauguração da Avenida, pois acreditava que a obra significaria um desenvolvimento da Capital do Brasil e melhoria na imagem da Cidade, mas que estivera contra os gastos gerados para tal obra, ainda no dia 16 de novembro, o *Correio da Manhã* traz na capa um editorial assinado por Gil Vidal sob o título “Lição Aproveitável”:

“Não há quem de coração, não deseje ver seu paiz em constante melhoramento emulando com os mais adeantados em progresso e cultura, ávido de atingir a culminância da perfeição, mediante grande extensão de kilometros de linhas férreas, excelentes estradas de rodagem, canaes e vias navegáveis, vasta rede telegraphica, portos com todos os melhoramentos que lhes facilitem o acesso a todos os navios e a sua prompta carga e descarga, e tudo mais que a civilização moderna exige. Não há quem não anhele ver a cidade onde reside, com ruas largas, avenidas, praças arborizadas, jardins públicos, iluminação profusa e mais melhoramentos propiciadores de todas as comodidades e gozos.

Entretanto, tudo isso exige muito dinheiro que tem que ser arrancado ao cidadão, que nem sempre o pode fornecer sem privações e soffrimentos a fruição de todo aquelle progresso não compensa, o que lhe torna dolorosa a lucta pela própria subsistencia.No Brasil, o que estamos agora observando é uma verdadeira neurose de dissipação luxuosa, sobretudo na transformação e aformosamento do Rio de Janeiro.Para o conseguir, todos os meios parecem lícitos. Não há consideração de ordem financeira que detenham o governo e seus auxiliares nessa arrojada empresa. De rotineiros catarrudos são taxados os que deauneram os perigos dessa vertiginosa progressão nas despesas publicas, e que lembram a necessidade de accomodar taes despesas ás circumstancias do paiz ou pautal-as pelas forças da riqueza publica e individual.

Ao mesmo tempo, porém que se dependem assim largamente com melhoramentos materiaes perfeitamente adiáveis, é indispensável prover a segurança publica e á defesa do território nacional por meio do exército e da marinha de guerra capazes de desempenhar-se de sua missão.Mas isso também exige dinheiro, e muito dinheiro que só o imposto e o empréstimo podem fornecer, mas um e outro, quando não são utilizados cautelosamente, prejudicam a expansão econômica da Nação e a prosperidade interna. Os paises onerados

de empréstimos e carregados de impostos estacam na sua marcha progressiva quando não retrogradam.”

Neste editorial acima, o que vemos é uma espécie de “desabafo” que reforça o desejo de progresso, porém a insatisfação pela forma utilizada pelo governo de se atingir tal progresso. Gil Vidal destaca a importância de se ter o progresso em parceria com o bem-estar da população como um todo e também com a cautela em angariar fundos para tal desenvolvimento.

Considerações finais

Podemos então notar que os jornais – *Jornal do Commercio* e o *Correio da Manhã* - assumem posturas de caráter pedagógicos bem distintos. Criam expectativas e reações opostas no transcorrer das narrativas. Os dois jornais dirigem suas matérias a destinatários diferentemente construídos e eles se diferenciavam também quanto ao seu posicionamento ideológico e por pertencerem a formações discursivas diferentes.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que projetavam uma representação adequada sobre si mesmos, os jornais criavam toda uma identidade para a construção da idéia de Nação. Graças a seu papel e sua missão estariam – com a instauração da República – construindo a verdadeira nação brasileira. Essa idéia de Nação, como podemos observar, segue premissas bastante distintas nos discursos até aqui apresentados. Os pronomes em alguns casos eram utilizados na primeira pessoa do plural, reafirmando o desejo de ser um jornal preocupado em ser a voz do povo, como se dizia ser o *Correio da Manhã*. Já o *Jornal do Commercio*, com seu apoio contínuo ao governo, usava suas páginas para exaltar as decisões e iniciativas dos governantes, fazendo valer um desejo incansável pelo moderno, pelo progresso à qualquer custos, já que isso significaria uma melhora para toda a Nação.

Faz-se realmente necessário não perdermos de vista as condições que tais publicações estavam sendo produzidas. Além da linha editorial dos jornais, todo o contexto deve sempre ser levado em consideração. Esse desejo do novo, do progresso, da modernidade a

todo custo gerava dentro da sociedade como um todo inúmeros sentimentos, e isso permite-nos analisar e creditar a cada produção jornalística as diferenças existentes.

Fontes Primárias Consultadas

JORNAL DO COMMERCIO – Novembro de 1905.

CORREIO DA MANHÃ – Novembro 1905.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira A. de (coord.). (et al.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-30*. Ed. FGV/CPDOC, RJ, 2001.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência Nacional*. São Paulo, Ed. Ática, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1987.

BARBOSA, Marialva. *Imprensa, Poder e Público – Os diário do Rio de Janeiro: 1880-1920*. Niterói, 1996. Tese (Doutorado) Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – Pós Graduação em História – Universidade Federal Fluminense.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

HUYSSSEN, Andréas. *Literatura e Cultura no Contexto Global*. In: Marques, Reinaldo e Vilela, Lúcia Helena. (Orgs). *Valores: arte, mercado e política*. Belo Horizonte, Editora UFMG/Abralie, 2002.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. -2º ed.- São Paulo, Hacker Editores, 202.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Jornalismo, História e Identidade Nacional*. Texto apresentado no VI Encontro Anual da *Compós*, São Leopoldo, 1997.

_____. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50*. Rio de Janeiro, 2000. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Mauad, 4º edição atualizada, 1999.

VÉRON, Eliseo. *A produção dos sentido*. SP, Cultix, 1980.